

EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

# MASSAS

ÓRGÃO DA TENDÊNCIA PELO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO  
MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL  
ANO VII - Nº 109 - Edição Especial - 2ª QUINZENA DE ABRIL DE 1995 - R\$ 0,50

**Punição aos assassinos dos sem-terra!  
Convocar um Tribunal Popular!  
Pelo fim dos latifúndios!  
Terra aos camponeses!**

**POR** *Tendência Pelo Partido Operário Revolucionário*

## A CHACINA DE ELDORADO DE CARAJÁS É FRUTO DA LUTA DE CLASSES NO CAMPO

Há oito meses do massacre de camponeses em Corumbiara (RO), a polícia militar do Pará assassinou 25 sem-terra, que, depois de uma marcha de vários dias, protestavam na Rodovia PA-150, bloqueando-a. Esta foi a resposta do governador Almir Gabriel (PSDB) para a reivindicação de entrega da Fazenda Macaxeira, ocupada pelos trabalhadores agrários. O MST luta pela existência dos sem-terra e o governo retribui com sangue.

Os camponeses pobres construíram a economia agrária a custa de suor, fome e miséria. Os latifundiários, grandes comerciantes, banqueiros e industriais, desde o alvorecer da história do capitalismo, no Brasil, não fizeram senão se aproveitar do trabalho da massa camponesa, expropriar suas glebas, expulsá-los do campo e concentrar cada vez mais propriedade e capital. Uma parcela continua espremida nos minifúndios, outra se tornou sem-terra e uma outra se proletarizou. Até hoje o capitalismo semicolonial continua expulsando os pobres do campo, tornando-os novos escravos nos centros urbanos e lançando um grande contingente no caudaloso exército de desempregados.

A reação camponesa sempre marcou a história social do Brasil. O MST se conforma como expressão do velho confronto entre latifundiários e camponeses oprimidos. A carnificina do

Pará é o resultado dessa contradição de classe.

Não se trata de lamentar, de chorar os mortos ou de se fazer proselitismo. Trata-se, isso sim, de compreender profundamente a tragédia social como parte da luta de classes e acúmulo de experiência para desenvolver a capacidade revolucionária das massas oprimidas. A burguesia não resta outra alternativa, quando perde o controle político dos explorados, senão desfechar a violência reacionária, ou seja, a violência da classe capitalista contra os trabalhadores.

É diante desse fenômeno político, social e histórico que se manifesta a selvageria militar contra os camponeses, que faziam uma marcha pacífica para exigir do governo o cumprimento de sua promessa. O massacre de Eldorado de Carajás, de Corumbiara e outros nos trazem a lição de que a burguesia só pode sobreviver através das armas e de que os explorados também só poderão sobreviver respondendo na mesma altura. Portanto, é do ponto de vista da luta de classes, que os sem-terra, proletários e demais explorados devem manifestar seu ódio à burguesia reacionária, ao governo de latifundiários, aos partidos capitalistas e a todos os traidores da causa dos oprimidos.

# Guerra de Classe no Campo

Não era necessária nenhuma perícia para se provar que as mortes resultaram de uma pré-determinada ação militar. De qualquer forma, o legista demonstrou que a polícia executou barbaramente os sem-terra. As execuções visaram sobretudo as lideranças, que foram assassinadas com requinte de crueldade. A campanha de condenação do massacre tem procurado dar a idéia de um caso policial circunscrito e de excesso repressivo. As autoridades governamentais atribuem à selvageria policial à falta de preparação da polícia militar. Os representantes da burguesia, políticos, jornalistas, advogados, religiosos etc, se mostraram estupefatos e indignados com as cenas de mortandade, que lembram os fatos mais macabros.

Em voz unânime, declararam que o horror da carnificina envergonha o Brasil. Sobre os cadáveres dos camponeses, clamam por paz e justiça. O presidente da República prometeu que "desta vez os culpados deverão ser punidos", numa clara referência à impunidade dos promotores da chacina de Corumbiara. O governador do Pará mandou um de seus comparsas revelar que de seus olhos verteram lágrimas.

O general Alberto Cardoso, chefe da Casa Militar da Presidência da República, de manga de camisa, foi ao acampamento dos sem-terra e, lá chegando, abraçou o presidente da CUT, Vicentinho, e disse comovido que "a ocasião era triste, mas que poderia ser a hora da virada para a reforma agrária no país". Entrevistou-se com os feridos e se revelou chocado com a narrativa.

Enfim, todos os meios de comunicação, comentaristas, escritores - da direita à esquerda - vomitaram humanismo e piedade com os esqueléticos camponeses, de pouca roupa, mãos grossas e que agora tiveram como recompensa de uma vida sacrificada uma morte não digna de seres humanos.

Toda essa hipocrisia tem uma finalidade: obscurecer o verdadeiro significado dos acontecimentos. Ou seja, ocultar a existência de uma guerra civil no campo. Não é de hoje que a polícia, forças paramilitares e jagunços vêm matando camponeses que lutam pela terra e se confrontam com poderosos latifundiários. Também não é a primeira e nem a segunda chacina no campo.

Ano a ano, sobe o número de conflitos agrários e de mortes. Somente sob o governo de Fernando Henrique Cardoso, foram assassinados mais de 50 camponeses. As lágrimas dos opressores não podem disfarçar essa contundente realidade.

A guerra de classe no campo não vai se amenizar com tais chacinas e muito menos com as promessas de justiça e paz. Pelo contrário, o conflito dos camponeses contra os latifundiários se alastrará mais amplamente, obrigando o Estado a desfechar golpes ainda mais violentos em defesa da estrutura agrária baseada nos latifúndios. É a essa consciência que os explorados deverão chegar para melhor se preparar para a guerra de classe no campo.

# O Estado e a Questão Camponesa

Os partidários de Fernando Henrique Cardoso rechaçaram a acusação lançada por dirigentes do MST de que o governo federal é responsável pela chacina. Na Convenção do PSDB, o novo presidente do partido, Teotônio Vilela Filho, propôs uma moção de "desagravo" ao governador Almir Gabriel, considerando-o não culpado pela violência. Os responsáveis seriam apenas o secretário de segurança do Pará e o comandante das tropas.

Para reparar o mal, o presidente da República se colocou por agilizar a lei de regulamentação de desapropriação de terras e por apoiar um projeto de julgamento de militares pela justiça civil. O governador Almir Gabriel, por sua vez, decidiu apressar a solução do problema da Fazenda Macaxeira, indenizar as famílias dos mortos e oferecer enterros gratuitos.

Parlamentares da oposição, dirigidos por Eduardo M. Suplicy (PT), foram até Fernando Henrique pedir o fim da violência no campo, que depende do governo avançar a reforma agrária. O deputado stalinista, Lindberg Farias (PC do B), fez o cálculo de que bastariam apenas 3,2 bilhões de reais para assentar 60 mil famílias. Enfim, os grandes oposicionistas criticaram o governo do PSDB, PFL, PMDB e PPB por não ter uma "política social".

Os bispos, reunidos em sua Conferência (CNBB), reclamaram do "remendo de reforma agrária" de FHC. E que somente com a reforma agrária os conflitos cessarão. Concluíram pedindo a punição dos culpados.

Fernando Henrique Cardoso se mostrou sensibilizado pelo clamor tão responsável da oposição reformista e da Igreja. Através de um porta-voz, anunciou que é necessário "um esforço suprapartidário para desarmar os espíritos no campo". Decidiu fazer uma reunião emergencial com o Judiciário e o Legislativo para agilizar a reforma agrária e

evitar a violência policial. Ao mesmo tempo, fez uma reunião com a Câmara Social, que contou com a presença de vários ministros.

Dela se anunciou que não mais faltará recursos para "os programas sociais prioritários".

A oposição burguesa e pequeno-burguesa, esta reformista, critica o governo do grande capital por não resolver a distribuição de terras. O governo, em resposta, para disfarçar suas mãos de sangue, chama os oposicionistas a se colocarem numa posição suprapartidária, de forma que todos unidos levem a paz ao campo, depois das chacinas.

Todas essas manobras políticas, da oposição à situação governamental, da mesma forma que a campanha pela paz e justiça, acobertam a verdadeira relação entre o Estado capitalista e a opressão social vivida pelos camponeses sob o regime de propriedade latifundiária e minifundiária da terra. Ocorre que o Estado e, conseqüentemente, o governo estão assentados na estrutura agrária capitalista semicolonial, altamente concentrada e apoiada inteiramente na exploração dos camponeses pobres e do proletariado rural, em conexão com as relações capitalistas de produção em geral. Nesse sentido, o Estado é um instrumento por excelência defensor dos interesses da oligarquia latifundiária, financeira, industrial e comercial.

A polícia do Pará, bem como de qualquer outro estado, é parte do Estado capitalista, ou seja, é um dos tentáculos da força militar a serviço do capital. A chacina de Corumbiara, de Eldorado de Carajás etc não se diferencia do fato do governo federal enviar tanques de guerra para ocupar as refinarias de petróleo na greve dos petroleiros ou invadir a CSN, com saldo de 2 mortos, como ocorreu sob o governo Sarney. A repressão aos movimentos sociais, seja no campo ou na cidade, expressa a ditadura de classe da burguesia contra os oprimidos.



## O governo capitalista não pode resolver o problema da terra

A crítica de que o governo de FHC é responsável pelo massacre porque tem bloqueado a lei de desapropriação e mantido no ministério da Agricultura um adversário da reforma agrária, bem como no ministério da Justiça um homem desinteressado em combater a violência policial, é completamente inócua e fora de propósito. Qualquer que seja o governo, por mais democrático, sempre estará a serviço da oligarquia latifundiária. O que quer dizer que não tocará num fio de cabelo de seus interesses.

Por outro lado, o Parlamento sempre foi e será dominado por representantes oligárquicos. Os ministérios são caixas de ressonância da classe capitalista em geral e em cada caso particular não pode senão reproduzir a vontade dos poderosos. É uma ilusão, que custa muito caro aos trabalhadores, supor a possibilidade de um governo capitalista solucionar a situação dos sem-terra e de se poder ter um ministério da Agricultura voltado às aspirações dos camponeses.

Da mesma forma, não será uma lei sobre desapropriação que permitirá os pobres do campo terem acesso às terras e poderem subsistir como pequenos produtores. Os cálculos de que bastariam poucos bilhões de reais para assentar todos os sem-terra, quando o governo esbanja vários bilhões com banqueiros, usineiros etc, e o cálculo de que se gastaria muito menos do que qualquer outro ramo da produção para abrir milhares de empregos não passam de exercício aritmético.

Ocorre que o governo expressa as tendências econômicas do capitalismo, não podendo contrariá-las, caso contrário a própria burguesia se desfaz dele. Qual é essa tendência econômica? É a de intensificar a concentração monopolista da terra. A idéia reformista de que existe um grande excedente de terra fértil não utilizada (improdutiva) e que bastaria apenas uma pequena fração de extensão para assentar os cerca de 5 milhões de famílias de sem-terra não resiste ao curso monopolista do capitalismo, e como tal não pode excluir a propriedade agrária.

Historicamente, os camponeses sempre foram expropriados e expulsos do campo. Não vai ser agora, na fase de desintegração do sistema econômico semicolonial, que se reverterá essa tendência através de uma ação governamental. A responsabilidade de FHC e de toda instituição estatal, incluindo parlamento, os partidos da ordem e o aparato repressivo, não está neste ou naquele ministério ou no bloqueio a esta ou aquela lei, mas sim no fato de encarnar os interesses dos latifundiários e exercer a ditadura de classe da burguesia sobre a maioria nacional explorada. Eis porque o MST não deve acreditar na possibilidade de solução do problema agrário através dos assentamentos, que preservam a estrutura latifundiária e o ordenamento do Estado burguês.

## A violência reacionária e a violência revolucionária

A quantidade de camponeses mortos e o requinte de crueldade como foram assassinados pela polícia militar trouxeram à tona o problema da violência. O Presidente FHC caracterizou de retrógrado tanto a polícia "mal preparada" quanto o movimento dos sem-terra, devido à violência de ambas as partes e por estarem do lado oposto do "Brasil moderno". Os reformistas do PT exigiram uma política de reforma agrária do governo para levar a paz para o campo. Os vários organismos da política burguesa, denominados de democráticos, se queixaram contra a impunidade e predicaram para que desta vez seja apurada a responsabilidade da polícia militar.

Nenhuma das colocações sobre a violência foi à raiz, à origem. A violência é o resultado da luta de classes. A polícia militar apenas cumpriu a função de guardião da propriedade privada dos meios de produção. A burguesia enquanto classe não pode enfrentar diretamente os explorados, por ser uma classe ultraminoritária. Assim sustenta, através do Estado, seu braço armado, e também forças paramilitares, assassinos de aluguel etc. Não há repressão ou massacres por parte do aparato repressivo que não sejam fruto das relações de produção, exploração do trabalho e apropriação capitalista da riqueza.

A resposta violenta que possa dar os explorados tem a mesma origem, mas não o mesmo conteúdo. A violência da burguesia é para manter a fome e a miséria das massas, ou seja, para proteger os capitalistas, os latifundiários. A violência da classe burguesa se volta contra as massas, que produzem toda a riqueza e que vivem na miséria (uma outra forma de violência capitalista). Opostamente, a violência dos explorados nasce da necessidade de se proteger contra a fome e se desenvolve em direção à destruição do capitalismo, da sociedade de classe. Eis porque os trabalhadores têm de recorrer aos comitês armados de autodefesa e no processo da luta está obrigado a resolver o problema do armamento das massas, para conseguir assim derrotar o poder armado da burguesia. A violência das massas, como vemos, é progressiva e revolucionária, porque permite que a classe operária, os camponeses pobres e demais oprimidos possam pôr fim à fonte de fome e da própria violência de classe.

Agora, concretamente, como se deu a violência em Eldorado de Carajás? Os sem-terra mantêm ocupada a fazenda Macaxeira e organizaram uma auto-defesa elementar, com armas de baixo poder bélico, basicamente espingardas. Tal medida resultou das inúmeras experiências de massacres e assassinatos, que somente no Pará ultrapassam a casa da centena. Ainda está na memória o massacre de 30 garimpeiros, em dezembro de 1979, a mando do governador Hélio Gueiros. Também é de domínio público que a maioria dos crimes contra campo-

neses e lideranças não foi apurada e os poucos assassinos condenados foram soltos através de fugas simuladas e estão livres de qualquer infortúnio com a lei.

Pois bem, há pouco tempo a imprensa burguesa realizou a maior propaganda sobre o movimento armado dos sem-terra, enfocando os camponeses ocupantes da Macaxeira, com o claro objetivo de exigir do governo medidas de desarmamento. O governo federal e estadual procuravam uma via negociada para o problema, sabendo que teriam de desencadear um princípio de guerra civil, caso optassem pelo confronto policial.

Na quarta-feira, do dia 22, o governo do estado do Pará e sua polícia encontraram uma situação propícia para iniciar o ataque. A marcha pacífica e o protesto poderiam muito bem ser dissuadidos e controlados, por métodos que a polícia conhece muito bem. No entanto, os gorilas saíram das jaulas com o objetivo explícito de esfaquear, e principalmente exterminar

Nacional



com as lideranças, como mostram os laudos.

A matança na rodovia PA 150 visou atingir a milícia semi-armada dos ocupantes da fazenda Macaxeira. Temos aí um caso de chacina premeditada a serviço dos latifundiários. A violência reacionária da burguesia mostra ser a imagem e semelhança de uma classe apodrecida e historicamente agonizante. O Brasil moderno do governo antinacional e antipopular de FHC é esse dos velhos coronéis e do aparato policial-militar homicida.

## Apurar e punir os assassinos

A farsa começou imediatamente ao massacre. O governador do Pará se eximiu de culpabilidade e o PSDB, com anuência de Fernando H. Cardoso, o aplaudiu em pé a Convenção partidária. Os principais culpados sempre jogam a pecha sobre os cães de guarda subordinados.

A imprensa revelou inequivocamente que Almir Gabriel ordenou o desbloqueio da PA 150 a qualquer custo. Evidentemente, um motivo para desfechar o terror policial sobre os camponeses. O afastamento inicial do comandante coronel Mário Pantoja e, sem seguida, sua prisão são um álibi para esconder a face de carrasco do governo. O envio de tropas, de investigadores federais e de parlamentares para o local da carnificina é parte da mesma operação de farsa, mentira e de controle da situação, que se tornou explosiva.

Logo se passou a denominar "intervenção branca" no Pará, numa alusão de disposição do Presidente FHC de apurar e punir os responsáveis. Alguns setores conclamaram que se fizesse uma clara intervenção para mostrar seriedade e de fato intervir na polícia do Pará, que age fora do controle de Almir Gabriel.

Parece que essa posição chegou a ser apoiada por lideranças do MST. Tal medida, além de mascarar o principal responsável, que é o governo federal, redundando no fortalecimento do Estado capitalista, em última instância representado pelo exército, ou seja, pelo principal instrumento da ditadura de classe da burguesia sobre os oprimidos. O absurdo dessa posição não pára aí. Já se fala em levar o problema para os organismos da ONU, que não passa de um instrumento do imperialismo. Justamente as potências opressoras são os maiores verdugos dos operários e camponeses no mundo todo e os reformistas vêm pedir socorro a um de seus organismos políticos.

A classe operária e camponeses devem rejeitar essa via fraudulenta e contrária aos oprimidos. A burguesia não pode julgar seus próprios crimes. O massacre dos sem-terra é um crime de classe. E como tal só pode ser julgado e punido pela classe afetada, ou seja, pelos pobres do campo e pela classe operária.

## Constituir um Tribunal Popular

As leis, os tribunais, o parlamento e os governos são criaturas da burguesia. Como tal, estão sob a influência, mais ou menos direta,

dos grupos econômicos. Podem fazer uma ou outra punição, para manter as aparências de atuarem por cima das classes e serem

neutros diante dos conflitos sociais. Entretanto, em sua essência, são pró-burgueses e antioperários. Expressam a estrutura econômica capitalista de exploração e dominação de classe.

Está aí a razão pela qual jamais os explorados poderão confiar neles e nem lhes outorgar poderes sobre seus movimentos. O rechaço aos crimes da burguesia e sua punição se darão através da luta de classes. O que quer dizer que serão o resultado da luta das massas, com seus meios próprios de ação, contra os exploradores e seu governo.

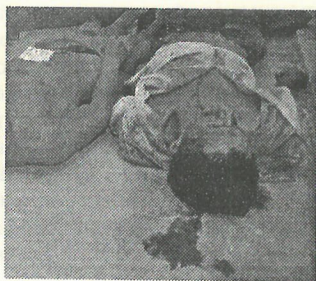
A justiça é de classe. O combate à chacina e a bandeira democrática de punição aos assassinos são instrumentos dos explorados para enfraquecer o poder dos capitalistas e fortalecer a consciência revolucionária das massas, de que todo o problema deve ser enfiado em suas mãos.

Rejeitamos e denunciaremos as falsas soluções apresentadas pelos algozes dos oprimidos ou pelos re-

formistas traidores. Defendemos a constituição de um Tribunal Popular, nascido do movimento proletário, camponês e dos demais oprimidos. Este será possível se as massas se levantarem com seus métodos próprios de luta e criarem seus organismos independentes.

Enquanto as chacinas e outros crimes permanecerem sob a guarda dos exploradores e seus governos, as massas não poderão rebater a barbárie, nascida das entranhas do sistema de exploração do trabalho e opressão dos camponeses pobres. O capitalismo se desagrega, impulsiona as massas à luta e obriga a burguesia a desenvolver a guerra civil. Os massacres de camponeses são embrião dessa guerra, que não é mais ampla porque a burguesia ainda mantém o domínio geral de classe. Porém, a tendência é de se desestabilizar tal controle e as classes se confrontarem abertamente.

Diante dos choques localizados, como os de Corumbiara e Eldorado de Carajás, o proletariado deve desenvolver uma política própria de classe contra classe, colocando-se pela constituição dos tribunais populares e mobilizando-se contra o governo carrasco. Os reformistas e burocratas sindicais que vão atrás do governo para que este intervenha e puna os policiais barram o caminho da luta e auxiliam a burguesia a permanecer na sombra dos acontecimentos.



**ESCREVA PARA O JORNAL MASSAS**  
**O JORNAL QUE DEFENDE A REVOLUÇÃO E A DITADURA DO PROLETARIADO**

CAIXA POSTAL Nº 01171 - CEP 01059-970 - SÃO PAULO

NO NORTE E NORDESTE ESCREVA PARA

CAIXA POSTAL Nº 221 - FORTALEZA - CEARÁ - CEP 60001-970

CAIXA POSTAL Nº 2768 - CEP 59022-970 - NATAL - RN

## Defender um programa de aliança operário e camponesa

A matança de camponeses demonstra que a burguesia não está disposta a ceder nem mesmo às limitadas exigências do MST, que são de assentamento de alguns milhares de sem-terra nos chamados latifúndios improdutivos. Uma ou outra ocupação recebe concessão do governo, através de desapropriação paga a preço de ouro ao latifundiário.

Isso significa que o movimento dos sem-terra, que têm tido uma grande projeção nacional e se mostrou de grande vitalidade revolucionária, encontrará pela frente resistências cada vez maiores dos capitalistas. O fato é que não há solução do problema da terra no interior do capitalismo semicolonial e mundialmente decadente, marcado pela voracidade econômica dos monopólios e pela ferocidade contra a resistência das massas.

Os camponeses só encontrarão a via real de sua libertação do domínio oligárquico-latifundiário através da revolução antiimperialista e anticapitalista. Modificar as relações sociais no campo significa quebrar a espinha dorsal da burguesia, derrotar o governo e o parlamento oligárquicos. Significa também colocar a ruptura do país com o domínio imperialista, ou seja, a independência nacional. A revolução agrária e a independência do Brasil semicolonial frente aos opressores externos são tarefas conexas que só a revolução proletária pode cumprir.

É preciso se entender que as chacinas, bem como toda operação de conjunto da burguesia contra a classe operária, objetivam bloquear esse curso, para o qual caminha o movimento social. Quando os reformistas não mais conseguem controlar a revolta dos trabalhadores e enquadrá-los nos moldes da democracia capitalista, a resposta dos opressores é a de guerra de classe. E é essa a tendência dominante no capitalismo agônico.

A resposta não pode ser outra senão modificar a correlação de forças entre os explorados e exploradores. Para isso, a aliança operário e camponesa é decisiva, pois essas são as duas classes oprimidas que poderão protagonizar um levante revolucionário. Cabe ao proletariado, por seu lugar nas relações de produção, organizar e dirigir a aliança com os demais explorados contra a minoria capitalista. Sem dúvida, para isso, terá de varrer de suas organizações a burocracia sindical corrompida e toda sorte de reformismo, que vive sob a espensa da política burguesa, como demonstra sua conduta de isolamento dos trabalhadores das cidades em relação aos do campo.

A chave de todo problema está na constituição do partido revolucionário, sem o qual os embates das massas proletárias, camponesas e da classe média urbana permanecerão estanques e prisioneiras das manobras burguesas, sejam elas políticas ou militares. Ou o proletariado se projeta como liderança da maioria nacional oprimida para liquidar com o capitalismo através da conquista do poder do Estado e implantação de um governo operário e camponês (ditadura proletária), ou então o problema da terra e da miséria do homem do campo não poderá ser solucionado.

Viva a luta dos sem-terra! Viva a revolução e ditadura proletárias! Contra as chacinas, aliança operário e camponesa! Contra a violência reacionária da burguesia, responder com a violência revolucionária das massas! Contra os latifúndios, reforma agrária e entrega das terras aos camponeses! Contra os ataques dos jagunços e da polícia, constituir os comitês armados de auto-defesa!

**Companheiros trabalhadores, as ocupações do MST em Minas Gerais, Paraná e outras localidades estão igualmente ameaçados de chacina. Exigimos que a CUT, sindicatos e correntes políticas do movimento operário se coloquem pela aliança operária e camponesa, pela auto-defesa e pelo método de mobilização de massa. Que as terras ocupadas sejam entregues imediatamente aos sem-terra.**

Jornal Massas apontava tendência de agravamento da luta de classes no campo:  
Massas nº 106

## Movimento dos sem-terra do Pará mostra o caminho a ser seguido

Os camponeses ocupantes da Fazenda Formosa, em Curionópolis, Pará, se armaram com espingardas, revólveres e outras armas elementares como meio de auto-defesa do movimento contra os latifundiários, que contrataram uma centena de capangas e que contam com o apoio da polícia. Todo o acampamento é vigiado e protegido por uma milícia. A ocupação conta com a presença de nada mais e nada menos do que 3000 famílias de camponeses, ou seja, mais de 10 mil pessoas.

A imprensa burguesa deu a maior publicidade, mostrando a organização da milícia e propagandeando o perigo que ela representa para os capitalistas. É clara a intenção de exortar o governo a reprimir os sem-terra do Pará. Lembra a guerrilha do Araguaia e os Zapatistas do México.

A primeira atitude das autoridades governamentais está sendo a de desarmar os ocupantes através da via da negociação de um assentamento, na Fazenda Macaxeira. De um lado, os latifundiários pressionam para que o INCRA não faça nenhuma concessão sem que os camponeses desocupem a Fazenda Formosa. De outro, o governo através do INCRA se utiliza de tais pressões para exigir que os sem-terra aceitem a promessa de transferência.

Os ocupantes responderam que não aceitarão desmanchar os barracos sem antes ter a nova terra prometida sob seu controle. O fundamental é os camponeses não permitir o desarmamento da milícia e nenhuma manobra que desorganize a luta pela terra. A auto-defesa montada, ainda que elementar, é um caminho a ser seguido por todo movimento dos sem-terra e demais trabalhadores.

O estado capitalista usa de seu poder de repressão, a exemplo da chacina de Corumbiara, para destruir a organização e as conquistas dos oprimidos. A auto-defesa é a resposta legítima colocada pela luta de classes. É importante que a classe operária apóie totalmente os camponeses do Pará.

Nacional



# Trecho de artigo publicado na Revista Socialismo Científico nº 01

## A luta dos sem-terra no Brasil e as transformações agrárias necessárias

A ocupação de terra sob o governo Fernando Henrique Cardoso ganhou importante projeção nacional. O acontecimento mais contundente foi o massacre dos ocupantes da Fazenda Santa Elina, em Corumbiara (RO), pelas forças policiais apoiadas por jagunços. O assassinato de 11 camponeses, a prisão em massa e as perseguições judiciais às lideranças mostraram a existência de um embrião de guerra civil no campo. Ou seja, indicaram que o Estado para proteger a propriedade latifundiária lança mão de métodos fascistas, combinados com as ações judiciais.

Outro acontecimento tem sido a perseguição policial aos sem-terra do Pontal do Paranapanema (SP). A prisão de suas lideranças e a caça daqueles que escaparam, como é o caso de José Rainha, são ditadas pelos latifundiários da região e acatadas pelas autoridades judiciais e policiais. Essa ati-

tude repressiva também se manifesta em outras regiões, como o caso recente da violência policial contra os pequenos agricultores do Rio Grande do Sul, que ocuparam a Secretaria do Trabalho para exigirem o cumprimento de suas reivindicações.

Os ataques aos sem-terra não têm sido menores nos vários estados nordestinos, a exemplo da desocupação da Fazenda Ararem, no município de Touro, Rio Grande do Norte, em que saíram dois sem-terra gravemente baleados e vários presos. Sem dúvida, essa violência estatal não é nova, apenas indica o recrudescimento da repressão oficial e latifundiária contra os camponeses. A década passada está marcada por denúncias constantes de assassinatos de posseiros, sem-terra, dirigentes sindicais e religiosos. Quase sempre a mando dos latifundiários, com a conivência das autoridades locais e acobertamento do governo federal.

A violência reacionária da burguesia contra os camponeses vem aumentando justamente porque a luta pela terra vem crescendo e com ela agudizando a luta de classe. Os ataques bárbaros contra os camponeses são inerentes ao domínio capitalista sobre os meios de produção e ao império latifundiário. As ocupações de terra, as marchas camponesas e a consequente repressão vêm temperando o movimento das massas agrárias, que tem um papel revolucionário a cumprir ao lado do

proletariado na tarefa de derrotar de conjunto a burguesia reacionária e seu governo.

Os reformistas, pacifistas e religiosos teimam em tirar as conclusões erradas das experiências que a luta camponesa vem realizando não só desde inícios de 1980 mas de muito antes, como as da década de 50-60. As conclusões erradas são: 1) Que a luta camponesa é pacífica e que não deve resistir à violência da classe dominante; 2) Que pela via pacífica se convencerá o governo a atender o plano de assentamento do MST; 3) Que a reforma agrária não questiona a propriedade latifundiária; 4) Que as ocupações devem se limitar às terras devolutas e às improdutivas; 5) Que os assentamentos de milhares de famílias camponesas é o caminho para o desenvolvimento da economia e solução da miséria no campo; 6) Que setores capitalistas e frações de políticos da burguesia têm interesse nessa limitada reforma agrária e que são aliados dos oprimidos.

Cremos que esses pontos refletem a posição dos reformistas, que em grande medida controlam e dirigem o movimento dos sem-terra. O quadro contundente que acima descrevemos está em contradição com a visão dos reformistas e com o conteúdo de sua política de obter algumas migalhas do Estado burguês.

**Boletim Massas distribuído no dia seguinte ao massacre:**

### **PARÁ: NOVO MASSACRE DE CAMPONESES**

Depois da chacina dos sem-terra de Corumbiara (RO), é a vez do massacre de Eldorado de Carajás, no Pará. Os camponeses realizavam uma marcha de Curionópolis para Marabá, com o objetivo de exigir o cumprimento de desapropriação da fazenda Macaxeira, antes ocupada pelo MST. No município de Edorado, depois de 2 dias de caminhada, decidiram bloquear a rodovia PA-150, como forma de luta. Um batalhão de cerca de 200 policiais, numa operação de guerra, desfechou um ataque, que já resultou em 19 mortes, segundo informação da polícia, mas que segundo o MST o número pode chegar a 60.

O médico Faisal Saemem, que vem recebendo os primeiros mortos, declarou que os corpos estão perfurados de bala, num claro sinal de chacina do tipo Corumbiara. Mas a polícia assassina já saiu a dar a velha explicação: os camponeses estavam armados e reagiram. A verdade é que o governo do Pará, com o consentimento do Presidente da República, lançou o braço armado do Estado para esmagar um movimento combativo de luta pela terra.

A mortandade dos camponeses de Corumbiara e, agora, de Eldorado, é a mostra de sangue do que é a democracia burguesa. É a mostra da face bárbara do capitalismo putrefato, do regime agrário latifundiário e da decadente burguesia brasileira. É a mostra de um Estado policial antioperário e anticamponês, e de um governo oligárquico dirigido pelas potências imperialistas. É a mostra de que os capitalistas já não podem governar senão com as armas nas mãos para massacrar

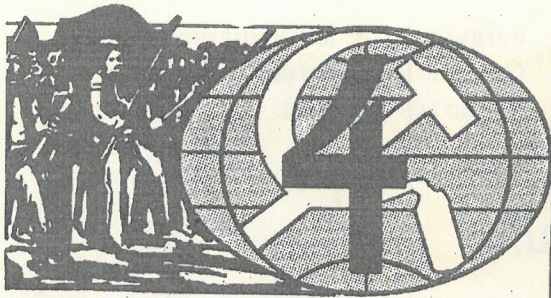
os movimentos dos explorados.

A chacina de Corumbiara passou impune. A direção da CUT, dos sindicatos, PT, PCdoB etc nada fizeram, a não ser protestar inocuamente. Os trabalhadores, inclusive os sem-terra do MST, devem exigir uma firme atitude das organizações operárias e de massa.

Que o movimento operário e camponês organize manifestações por todo país. Que se coloque pela constituição de um TRIBUNAL POPULAR, constituído por representantes eleitos em assembléias sindicais e populares, de tal forma que o julgamento desse crime contra os oprimidos e punição dos culpados sejam feitos pelos próprios camponeses e operários. Essa atitude é possível se a CUT, o MST e demais organizações populares tomarem em suas mãos a luta contra as chacinas de camponeses. Os culpados estão visíveis: o governo federal, o governo do Pará, a polícia e toda canalha capitalista, que inclui os latifundiários.

Companheiro trabalhador, não fiquemos passivos diante dessa monstruosidade dos exploradores do povo. Exijamos punição aos responsáveis. Exijamos a entrega imediata das terras aos camponeses pobres. Exijamos que a CUT e organizações populares organizem a luta. Lutemos por uma verdadeira aliança operária e camponesa para destruir o capitalismo apodrecido e sua bárbara burguesia. VIVA OS CAMPONESES LUTADORES! VIVA A LUTA LIBERTADORA DA FOME E DA MISÉRIA! QUE MORRAM OS ASSASSINOS DOS CAMPONESES!





EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

# MASSAS

ÓRGÃO DA TENDÊNCIA PELO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO  
MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL  
ANO VII - ESPECIAL - 2ª QUINZENA DE ABRIL DE 1996

## **Punição aos assassinos dos sem-terra! Convocar um Tribunal Popular! Pelo fim dos latifúndios! Terra aos camponeses!**

O massacre dos sem-terra em Eldorado de Carajás (Pará) reflete o agravamento da luta de classes no campo. Trata-se de um assassinato em série de várias lideranças do movimento, premeditado e preparado para conter as ocupações com resistência (armadas). As provas de assassinatos sumários (tiros na cabeça), o volume de armamento usado pela polícia e a forma de execução seletiva mostram a intenção do massacre.

A ocupação da fazenda Macaxeira estava preparada para resistir à repressão do latifundiários e da polícia. Há

semanas temos visto os sem-terra preparados com armas para resistir. O Major da PM da região confessou que ainda não havia atacado os sem-terra porque na ocupação os trabalhadores estavam armados. Os latifundiários, o governo e a polícia esperaram o movimento sair da ocupação e realizar uma passeata desarmada para reprimir covardemente.

As lutas dos sem-terra têm avançado por todo o país. A expropriação das terras pelos banqueiros, a expulsão de trabalhadores pelos jagunços dos latifundiários, a falência do plano de assen-

tamentos miserável do governo e o desespero diante da própria fome, ao lado da riqueza de uns poucos parasitas, estimula a luta pela terra. A repressão tem ensinado os trabalhadores rurais que não basta apenas ocupar, mas é preciso resistir à repressão dos capitalistas e de sua polícia. Apesar do pacifismo de suas direções, os sem-terra avançam cada vez mais na organização da auto-defesa armada.

O conflito pela terra não vai acabar. As tendências de guerra civil no campo permanecem porque suas causas permanecem.

## **Os responsáveis: FHC, o governo do PSDB, os partidos burgueses, os latifundiários, a PM**

A miserável política de assentamentos de FHC objetiva conter a luta direta pela terra (ocupações). O governo entreguista diz que vai jogar migalhas para os movimentos se acalmarem. Nem mesmo as metas insignificantes consegue cumprir. Protege os latifundiários e mantém os sem-terra na rua. Sabia de todas as ameaças feitas aos ocupantes da fazenda Macaxeira.

O governo do PSDB e coligados havia prometido ônibus e comida para levar os sem-terra a Marabá e à capital do estado. Mentiu e mandou a polícia

desocupar a estrada onde os sem-terra estavam acampados. Ordenou o uso do "convencimento e todos os outros meios", segundo ele mesmo diz. Os "outros meios", são o quê? Repressão. Seu lamento é unicamente porque o massacre foi escandaloso, a repressão pode ter-lhe escapado do controle. Se a repressão se limitasse a cassetetes, estaria satisfeito?

Os partidos burgueses fizeram coro para lamentar as mortes. Cínicos! São esses mesmos partidos que aprovam a política do governo que esmaga as mas-

sas e favorece os banqueiros, industriais e latifundiários. São os partidos dos proprietários das terras. Lamentam as mortes, mas criticam os sem-terra, jogando-lhes parte da culpa.

A polícia é o braço armado do estado capitalista. Serve para garantir aos capitalistas a continuidade da exploração de classe. Os capitalistas a deixam fugir de controle vez ou outra. Apenas para justificar os massacres, como os de Corumbiara, Carandiru, Candelária etc.

Os latifundiários têm confessado que estão utilizando grupos armados

para reprimir as ocupações (jagunços). A ultraminoria dona de mais de 90% das terras do país se arma para manter seu parasitismo.

O movimento operário deve responsabilizar pelas mortes dos sem-terra do Pará: FHC, o governo do PSDB e seus coligados, os partidos

burgueses, os latifundiários, a PM. Qualquer vacilação nesse sentido é uma traição aos sem-terra.

## Convocar um Tribunal Popular

Temos assistido nos últimos anos a uma série de crimes contra os movimentos ou massacres contra meninos de rua ou contra presos. A justiça manipulada pela burguesia mantém todos os responsáveis impunes. Os corruptos do parlamento e dos governos também são inocentados nas CPIs fajutas. Exemplos não faltam. Fleury se livrou da culpa pelo massacre do Carandiru. Os corruptos ganharam atestado de honestidade da CPI. E assim por diante.

Os capitalistas jamais julgarão a si mesmos. Como é possível ser juiz e réu ao mesmo tempo?

Mas existem aqueles que alimentam ilusões de que a burguesia pode julgar a si mesma, desde que seja pressionada. Pedem para que os carrascos apurem os fatos e punam os responsáveis.

Já sabemos que no caso do massacre do Pará vão dizer que o único culpado é o coronel da PM que comandou a operação, e que os governos estadual e federal são inocentes. Vai ser um verdadeiro escarro sobre os cadáveres sem-terra.

Por isso, o MST (Movimento dos



Trabalhadores Rurais Sem Terra) a CUT e as organizações sindicais e populares devem convocar um Tribunal Popular para que julga e puna todos os

culpados. Somente as massas mobilizadas podem enfrentar o poder repressivo da burguesia, mostrar a verdade e punir os responsáveis.

## Terra aos trabalhadores

O massacre pretende intimidar os sem-terra para que se desarmem e detenham as ocupações. A resposta dos movimentos tem que ser clara: manter as ocupações, organizar a autodefesa armada, destruir o latifúndio, entregar as terras aos trabalhadores.

A luta pela terra se choca abertamente contra a propriedade privada. Por isso, a luta pela terra caminha para se juntar ao movimento operário

na luta pela destruição do capitalismo. Não será possível resolver plenamente a questão da terra e manter a propriedade capitalista dos meios de produção, incluindo a terra. O confronto dos sem-terra com os proprietários latifundiários aponta para a necessidade de unir-se ao movimento operário, que combate os mesmos capitalistas. Trata-se de construir a aliança operário-camponesa, que será capaz de realizar a

revolução proletária e resolver definitivamente a questão da terra, destruindo o latifúndio e fazendo a revolução agrária.

Para isso, é preciso construir o partido revolucionário, que não se submete à democracia burguesa (ditadura dos capitalistas) mas defende a democracia operária (ditadura do proletariado), que oprime os exploradores.

**ESCREVA PARA O JORNAL MASSAS**  
**O JORNAL QUE DEFENDE A REVOLUÇÃO E A DITADURA DO PROLETARIADO**

CAIXA POSTAL Nº 01171 - CEP 01059-970 - SÃO PAULO  
NO NORTE E NORDESTE ESCREVA PARA  
CAIXA POSTAL Nº 221 - FORTALEZA - CEARÁ - CEP 60001-970  
CAIXA POSTAL Nº 2768 - CEP 59022-970 - NATAL - RN